

Crítica // O diabo veste Prada 2 ★★★★★

# Será o fim de um império?

Comédia satiriza os bastidores da moda, exalta o jornalismo e chama atenção para a importância da autocritica como antídoto das imperfeições humanas

Ricardo Daehn

O diretor é o mesmo de *Marley & eu* (2008) e de episódios da série *Sex and the city* (finalizada em 2004), mas, mais importante o mesmo David Frankel de *O diabo veste Prada*, feito em 2006, e que rendeu mais de US\$ 420 milhões, a partir de US\$ 37 milhões. Diversão amena desfila na tela em que se avança em relação ao primeiro filme, para além da graça dos bastidores da moda; agora incorporando temas como o da importância do jornalismo e da autocritica em relação a muitas imperfeições humanas.

Há liquidação na trama do filme, mas, em nada, se trata de pechincha: a liquidação encerra o extermínio de posições trabalhistas e ainda o fim da tradição da revista *Runway*, sede para as maldades de Miranda Priestly (Meryl Streep, um crême de la crême, por si só). Andy Sachs (Anne Hathaway), num novo patamar (mas ainda desesperada por reconhecimento) é selecionada para resgatar a reputação de instituição centenária, e é vista como um “capricho” do CEO da publicação de moda. “A contratação é dele, o problema é meu”, dispara Miranda, com as nuances de olhares de desentendida ou

FOTOS: WALT DISNEY/ DIVULGAÇÃO



Meryl Streep é Miranda Priestly, e Stanley Tucci vive o assistente Nigel, na continuação da comédia



Anne Hathaway, no papel de Andy Sachs

de presunçosa, formatados por Streep.

Depois do fiasco de *Casa Gucci* (2021), até Lady Gaga muda de maison, e contribui para o sucesso do novo filme, entoadado (com Doecci, na trilha sonora, com *Runway*). O desenho de produção de Jess Gonchor (de *Onde os fracos não têm vez* e *Adoráveis mulheres*) é impecável, a exemplo da dinâmica edição de Andrew Marcus (das equipes recorrentes em fitas de Kenneth Branagh, presente no elenco).

Demissões feitas ao telefone, piadas perigosas com tráfico humano e muitas indiretas estão na passarela da comédia que trata de crise e da integridade jornalística, em meio à falsidade e ao restrito acesso para itens como produtos de luxo colocados no varejo e os imóveis reformados com quê kitsch em áreas seculares. Nessa conjuntura, íntegra, sem se render aos “tapinhas nas costas” dos ambientes corporativos, segue Andy (que reencontra

o apoio de Emily, papel de Emily Blunt) agredida pelas grosserias de Miranda, que visa sustentar pose e posto, frente a incontornáveis mudanças sociais. Numa das boas cenas, Andy se vê deslocada, nos Hamptons (o circuito dos privilegiados de NY), com roupa emprestada e navegando em códigos de formalidade. Para adocicar a trajetória, a jornalista ganha a companhia de Peter (Patrick Brammall), um promissor pretendente.

Às vias de se tornar chefe de conteúdo global da *Elias-Clark* (conglomerado que publica a *Runway*), Miranda traz mais nuances, desde o roteiro assinado por Aline Brosh McKenna, sendo tratada, aos solavancos, com direito a um tapa no ombro e às impagáveis cenas de sua presença em um refeitório ou num voo de classe econômica. Entre relações invisíveis, a narrativa brinda a silenciosa eficiência de Nigel (Stanley Tucci), braço-direito de Miranda que, no fundo, parece ambidestra.